



LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRA: O LUGAR DA MENINA NEGRA

Black Children's Literature: The Place Of The Black Girl

Ayodele Floriano **SILVA**
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, Brasil
ayodelenina@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2012-2801> 

Maria Fernanda **LUIZ**
Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura municipal de Campinas
Campinas, Brasil
mfernanda.neab@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3785-7895> 

Anete **ABRAMOWICZ**
Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil
aneteabramo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4714-3602> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Na perspectiva de tensionar o campo da literatura infantojuvenil que, mesmo consagrada, favoreceu a folclorização e a estereotipização das personagens negras, o presente artigo discute a constituição de uma literatura infantil e juvenil negra que apresenta personagens negras. Analisaram-se livros de literatura negra infantil e juvenil e, a partir das ilustrações e do texto, refletiu-se sobre o lugar da menina negra nessa literatura e na produção da literatura infantojuvenil brasileira. Discutiu-se a importância da literatura negra para a ampliação do campo científico da literatura e analisaram-se algumas obras sobre o lugar da menina negra na literatura negra infantil e juvenil. Concluiu-se que a menina negra emergiu na literatura negra por meio das escritoras negras, devido à história que carregam de subalternização social e literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil e juvenil negra. Personagens negras. Gênero.

ABSTRACT

With a view to tensioning the field of children's and youth literature, which, even though it was established, favored the folklorization and stereotyping of black characters, this article discusses the constitution of a black children's and youth literature that features black characters. Books of black children's and youth literature were analyzed and, based on the illustrations and the text, a reflection was made on the place of the black girl in this literature and in the production of Brazilian children's literature. The importance of black literature for the expansion of the scientific field of literature was discussed and some works on the place of the black girl in black children's and youth literature were analyzed. It was concluded that the black girl emerged in black literature through black female writers, due to the history they carry of social and literary subordination.

KEYWORDS: Black children's and youth literature. Black characters. Gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende realizar uma fissura no campo da literatura infantojuvenil por meio do debate sobre o lugar da menina negra nessa literatura. Primeiramente mostraremos que, na historiografia literária, as meninas, em geral, ocupam um lugar menor e subalternizado na hierarquia social e discursiva. Em seguida, expomos de que maneira a emergência da literatura negra, ao afirmar um lugar protagonista às personagens negras, disputa e “faz fugir” uma certa literatura que contribui para a construção e a afirmação de estereótipos em que os/as negros/as estão subalternizados/as. Por fim, analisamos o lugar da menina negra na literatura infantil negra contemporânea a partir de livros pertencentes ao acervo do Projeto Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância, contemplado pelo edital para primeira infância no contexto da pandemia da Covid-19 em 2020 e propôs levar livros de literatura infantil com personagens negras para casa de crianças de 0 a 6 no município de Itirapina — SP.

A história das meninas, em geral, é pouco analisada nas pesquisas, e as histórias produzidas pelas meninas/mulheres pobres e negras estão na mais baixa hierarquia social, discursiva e literária. Dessa maneira, há pouca produção teórica sobre elas. É preciso ressaltar que contar histórias pode ser considerada uma prática feminina que tem várias funções, entre elas: inserir as crianças em determinados tempos/espacos, socializando-as, pelo significado cultural e social de contar histórias, como estratégias de imputar e construir sentidos e significados à vida, por sobrevivência, pelo prazer de contar, pelo fluxo das palavras e dos afetos.

Na ampla bibliografia sobre a mulher, as meninas das classes populares e negras quase não estão presentes. Aparecem por instantes, como resíduo ou dentro da ampla categoria de criança. E nas histórias escritas, contadas e lidas para as meninas, há pouca bibliografia, como se o mundo das histórias – da escrita e da oralidade – não lhes pertencesse e não percorresse suas vidas. As meninas passam a ser objeto de saber, e suas histórias são contadas, também literariamente, apenas quando chegam a ser mulheres. Este fato indica que essas crianças vivem nas sombras e nos silêncios da história e raramente são protagonistas seja literária ou socialmente. Desta forma esvazia-se um certo potencial disruptivo presente na infância das meninas. O que em geral temos em relação ao saber das crianças – que se manifesta por meio de um outro tipo de razão – é, enquanto saber, dominado, desqualificado como incompetente, ingênuo, não elaborado, inferior e, até, categorizado como senso comum, ao mesmo

tempo em que se constituem saberes – esta é a função da desqualificação – como verdadeiros e científicos. “Nada entra na ordem do discurso se não satisfaz certas exigências ou se não está de entrada, qualificado para a entrada. É como se existisse uma espécie de ‘polícia discursiva’” (FOUCAULT, 1970, p.30).

Neste sentido, é importante ouvir as histórias das meninas, bem como as histórias que contam sobre elas e para elas, pois desta maneira é possível (re)compor a história – não só a história singular daquela que fala, mas as várias histórias presentes e a potência das línguas menores (meninas, pobres, pretas etc.). Deleuze fala em línguas menores, em como uma língua maior é atravessada por línguas menores, e como se fazem esses devires minoritários da língua. E essa minoração da língua importa por aquilo que contém como potência, como produção de novos efeitos e constituição de um multilinguismo na própria língua (DELEUZE; GUATTARI, 1980).

As categorias infância e pobreza têm servido nas Ciências Humanas, sobretudo, para a desqualificação, por um lado, das crianças, que passam a ser compreendidas como aquelas que têm e não têm infância; e, por outro, dos pobres, que são aqueles em quem predomina a falta: falta de educação, falta de moradia, falta de consciência, massa amorfa, senso comum, além das crianças negras que sofrem inúmeros preconceitos e desqualificações. A historiografia da infância é sempre a história sobre a criança, já que ela, supostamente, não fala. A infância é mitificada, ou é boa e, portanto, pode ser livre; ou é má, perigosa e deve ser contida, cuidada e disciplinada. Essa infância “livre” é associada aos brancos; e a perigosa, aos pobres e negros/as.

A educação das crianças sempre esteve associada à ideia sobre a infância. O que estamos querendo afirmar é que a infância ou é analisada como um dever-ser ou reduzida e infantilizada e definida, nos dias de hoje, como um período em que se brinca – de determinados jeitos aceitos como brincades legítimos receitados por especialistas, pela mídia, pela indústria de brinquedos – e se vai à escola. Em tudo permanece a rejeição à alteridade, às diferenças, aos movimentos das crianças, às suas crianceries e suas histórias.

Nos cinco volumes de aproximadamente três mil páginas da coletânea de Perrot e Duby e (1990/1991) sobre a história das mulheres, há dois únicos artigos que falam de meninas. Eles tratam da educação delas: “*A educação das raparigas: o modelo laico*”, artigo sobre o século XIX, e outro, sobre os séculos XVI e XVIII, intitulado “*Uma filha para educar*”. Na coletânea brasileira organizada por Del Priori e Bassanezi (1997), não há nenhum artigo sobre meninas. Sobre as mulheres pobres ou escravas há também poucos artigos nestas obras que se propõem a ser vastas. Sobre as meninas pobres e

negras nenhum artigo nessas coletâneas. O que este fato demonstra é que as meninas não têm importância na historiografia das mulheres, na história do gênero feminino (ABRAMOWICZ, 2000).

Se tomarmos, por exemplo, os contos de fadas que surgiram a partir do século XVII e observarmos os contos de Perrault, ele constrói com suas histórias imagens de mulheres, tendo como substrato os contos orais populares, que são largamente difundidos e contados às crianças até hoje, e tensionados pela literatura negra, devido à ausência das crianças negras nessas histórias. Nos contos as imagens são simples, claras e unidimensionais do ponto de vista da perspectiva da narrativa.

As imagens sobre as mulheres variam entre más e boas. Quando más, habitam-nas a inveja, o ressentimento, a feiúra, a velhice, a perversão, e, obviamente, a maldade – são aquelas retratadas nas bruxas e nas madrastas. Castigadas no final, morrem, mas não só isso. Ou morrem exemplarmente ou ocorre uma inversão nos papéis, em que elas, de alguma maneira, acabam sendo submetidas às mesmas maldades que cometeram. E as imagens de mães são construídas como contraste. Há também as mulheres nem boas nem más: são, por exemplo, mães pobres, que são obedientes e submetem-se às ordens do marido, como abandonar os filhos na floresta, no caso de *O pequeno polegar*. A pobreza é sempre uma referência negativa, que faz parte de certo clima triste, amargurado, de uma temporalidade sem tempo, em que o trabalho é sempre o mesmo, opressivo e repetitivo. O conto da Cinderela descreve esses trabalhos, dos quais os de casa Perrault qualifica como exemplos mais grosseiros. Ali o trabalho doméstico é retratado como negatividade, opressão, submetimento, e ficar rica é uma das recompensas oferecidas. Quando há pobreza, há um trabalho incessante e doméstico que é sempre abandonado pela mulher, quando lhe é concedido um final feliz. Como mágica, desaparecem o trabalho doméstico e quem os realiza. As qualidades consagradas por Perrault às mulheres exemplares são: bondade, submissão e obediência, paciência, aceitação de uma situação dada, compaixão, generosidade, graça. Esses atributos femininos estão "à disposição" de um homem que os reconheça e se case com aquela que os porte. Nos contos "clássicos" mais populares a menina é vista como ingênua, infantil e ignorante. Quando retratada nos contos de fadas, ou tem um papel secundário, ou é vista com as características descritas no conto da Chapeuzinho vermelho, cuja ingenuidade e ignorância são qualidades celebradas e consagradas (ABRAMOWICZ, 1998).

Há uma ordem hierárquica na família retratada nos contos "clássicos": o pai no cume, em seguida a mãe, depois os filhos (meninos) e, por fim, as meninas. Esse é o

retrato da família patriarcal, que não foi absolutamente alterado, mas, sim, constantemente reafirmado e enfatizado.

Essas considerações nos permitem mergulhar na literatura que aqui nos interessa.

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRA

A Literatura Negra no Brasil passou a ter maior destaque a partir da década de 1950, quando escritoras(es) negras(os) brasileiras(os), inspiradas(os) pelo Movimento dos direitos civis das(os) negras(os) nos Estados Unidos e na França, passaram a escrever histórias.

Podemos indicar o início do século XX como um momento de fortalecimento do Movimento Negro e da consolidação da Literatura Negra. E, embora o conceito de Literatura Negra tenha aparecido apenas no século XX, a produção literária feita por negras(os), que traz a subjetividade negra, existe no Brasil desde o século XIX, mesmo antes do fim do tráfico negreiro, conforme ressaltam Gregory Rabassa (1965), Benedita Damasceno (1988), Domício Proença Filho (1988), Zilá Bernd (1989), Florentina Silva Souza (2005) e Eduardo de Assis Duarte (2005).

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para o outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas e invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. Um sistema no sentido de obras ligadas por denominadores comuns, com notas dominantes peculiares desta ou daquela fase, deste e daquele gênero (IANNI, 2014, p. 183).

Acreditamos que a literatura infantil e juvenil, presente nas salas de escolas da educação básica e também nas salas de leitura ou nas bibliotecas escolares, apresenta as personagens negras em condição de subalternidade, de forma a contribuir para reforçar os estereótipos que envolvem a população negra.

É possível perceber isso ao folhear os livros de literatura infantil presentes nas salas de aulas e bibliotecas escolares. Livros esses que trazem textos e ilustrações que colocam negras(os) com a marca da branquitude. Isso nos leva a considerar que todas as crianças ao serem privadas de uma pluralidade de vozes e narrativas, são vitimadas pela estrutura racista que opera na sociedade (LUIZ, 2022, p.88).

Este tipo de literatura que subalterniza as(os) negras(os) marca e afeta a identidade das crianças negras, uma vez que, ao folhearem as páginas dos livros de

literatura, elas não se veem devidamente representadas. A literatura infantil e juvenil negra inflete o campo da literatura, propondo uma representação negra que contribua para o tensionamento do campo da literatura infantil e a construção de personagens negras em outra perspectiva.

Considerando a discussão apresentada por Cuti nos é possível dizer que hoje temos na produção literária infantil e juvenil, escritoras(es) que acreditam na constituição e na influência de uma epistemologia negra de forma que por meio da linguagem verbal (texto) e linguagem visual (ilustração) de seus livros trazem em seu bojo consciência racial, valorizando o continente africano e as culturas afro-brasileiras, oportunizando às crianças leitoras, negras ou não, narrativas com personagens negras e com histórias que buscam o reconhecimento e valorização do povo negro colocando numa perspectiva diferenciada daquela apresentada em muitos livros da literatura infantil e juvenil (LUIZ, 2022, p.88-89).

A literatura infantil e juvenil brasileira busca construir uma imagem de criança que esteja conforme ao que se constituirá como povo brasileiro e, além disto, venha a reforçar os estereótipos em torno da população negra, já que a “cor da nação” é idealizada como branca, desde a década de 1920 – estereotípiia clara na Literatura de Monteiro Lobato, por exemplo. A literatura negra vem produzindo um movimento de ruptura de paradigmas, mas ainda enfrenta resistências seja no campo editorial, seja pelas(os) leitoras(es), mas por meio dela vemos emergir questões e mudanças significativas de paradigmas, ampliando o campo do possível e do imaginário por meio de outras histórias, outros/as personagens etc. Na contemporaneidade, há um grupo de escritoras(es) negras(es) que, ao buscarem a ruptura, percebem uma lacuna no nicho editorial e, sendo assim, debruçam-se na escrita de livros infantojuvenis, cunhando novas tendências na produção literária infantil. Tendências essas que favorecem o enaltecimento das personagens negras nos livros e contribuem para a construção da identidade das crianças negras.

Essa literatura negra é recente e, ao se constituir, tensiona o campo da Literatura infantil, que por anos fortaleceu e subsidiou discursivamente e imagetivamente a existência do racismo por meio de seus livros, colocando as personagens negras em um lugar de subalternidade. Assim, sendo, a produção literária vem passando por mudanças, trazendo outras referências, que buscam outra perspectiva das personagens negras e dão abertura à resignificação, ao reconhecimento e à valorização da História e da Cultura do povo negro, de forma a possibilitar o enegrecer dos livros de literatura infantil e juvenil.

Com efeito, essa literatura enegrecida se contrapõe à depreciação e à desvalorização da população negra, pois apresenta as personagens negras sob o ponto de vista dos próprios sujeitos da vivência, por meio de uma produção literária em que

a representação negra positiva é positivada com a agência criativa das personagens negras no texto e nas ilustrações. Assim, ao reivindicar um espaço próprio, a literatura negra deixa sua marca na história da literatura, dá visibilidade aos princípios presentes na História e Cultura do povo negro e é exemplo de resistência e afirmação.

Entretanto, a produção de livros com personagens negras ainda é minoritária em meio à produção tramada com personagens não negras. E, embora identifiquemos o aumento dessa produção literária negra, cabe-nos aqui ressaltar que urge a produção de livros com uma linguagem visual e textual que evidencie positivamente a representatividade negra e oportunize destaque, reconhecimento e valorização das personagens negras.

Definida a presença da menina negra nessa literatura, cabe agora analisar como ocorre e como se apresenta essa inserção.

COMO A MENINA NEGRA É REPRESENTADA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Para localizar o lugar da menina negra na literatura infantil negra contemporânea, faremos a análise bibliográfica dos livros pertencentes ao acervo do Projeto Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância¹. Para analisar os livros, seguimos metodologicamente as leituras propostas por Antônio Carlos Gil² (2008), a saber: a leitura exploratória, a seletiva, a analítica e a interpretativa.

O acervo do projeto Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância contou com 30³ obras contemporâneas que traziam personagens negras protagonistas, ou tematizavam a história cultura africana e afro-brasileira, ou eram de autoria negra. Inicialmente, o processo de curadoria contou com duas etapas. Na primeira, pesquisamos o acervo pessoal de uma das autoras do artigo e do Laboratório de Práticas Pedagógicas em Educação das Relações Étnico-Raciais da UFSCar. Como eram poucos

1 O projeto Literatura Infantil Negra e a Primeira infância foi contemplado pelo edital para primeira infância no contexto da pandemia da Covid-19 em 2020 e levou livros de literatura infantil com personagens negras para casa de crianças de 0 a 6 no município de Itirapina — SP. Esse acervo foi analisado na pesquisa de Silva (2022) a partir das experiências de personagens negras infantis contidas nas obras.

2 É importante lembrar que Gil (2008) não especifica como deve ser a aproximação pela leitura no caso de obras de literatura infantil. Por isso, as ferramentas metodológicas, apresentadas por ele, foram adaptadas para a realização da etapa de leitura dos livros infantis.

3 Chegou-se ao número de 30 títulos a partir da quantidade de livros distribuídos nas famílias com crianças de 0 a 6 anos participantes do projeto.

os livros indicados⁴ para crianças de 0 a 6 anos e, no momento da pandemia, as bibliotecas estavam fechadas, foi necessário ampliar a pesquisa em *sites* especializados, como páginas de editoras e perfis literários. É importante salientar que, mesmo nessa última busca, a quantidade de livros para crianças de 0 a 3 anos com personagens negras ou com a temática da cultura africana e afro-brasileira, ou de autoria negra foi bem restrita. Ao final dessa segunda etapa, chegamos aos 30 títulos do acervo que serviu como base para a seleção dos livros que tratam de meninas negras, analisados neste artigo.

Para refletirmos sobre o lugar da personagem infantil negra, utilizamos a análise bibliográfica (GIL, 2008) do acervo, que pressupõe quatro etapas, denominadas leituras: a leitura exploratória, a seletiva, a analítica e a interpretativa.

A leitura exploratória teve início com a análise das capas como materialidade dos livros. Segundo Eliane Debus (2017, p. 28), a materialidade do livro consiste em “tamanho e formato; paratextos que constituem a capa, as guardas e a contracapa, tipo e tamanho da letra, tipo, qualidade e textura do papel; diálogo entre a mancha textual e a ilustração, entre outros”. Tomamos as capas como materialidade a ser explorada, e essa primeira leitura revelou que 26 dos livros do acervo tinham figuras humanas na capa e 15 traziam uma ou mais meninas negras na capa.

Passando para a segunda etapa, a leitura seletiva, buscamos distinguir os livros, utilizando como parâmetro o lugar da menina negra nos livros de literatura infantil e infantojuvenil. Foram selecionadas obras com as seguintes características:

a) presença de meninas negras como protagonistas; b) gênero textual narrativo; e c) autoria nacional. Após a leitura seletiva do acervo de 30 obras, chegamos a um total de 11 livros, como demonstra o Quadro 1.

Quadro 1 – Livros selecionados para análise

Título	Autoria
<i>Alice vê</i>	Sonia Rosa
<i>Amoras</i>	Emicida
<i>Bucala</i>	Davi Nunes
<i>Cheirinho de Neném</i>	Patrícia Santana
<i>E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas</i>	Emicida
<i>Iori descobre o sol e o sol descobre Iori</i>	Oswaldo Faustino

4 No trabalho de Araújo e Silva (2011, p. 208), um dos critérios para classificar um livro infantil foi a combinação de poucas páginas e ilustrações com personagens que representavam crianças pequenas, traçados mais pictóricos ou expressões faciais mais infantilizadas.

<i>Meia Curta</i>	Andreza Felix
<i>O cabelo de Cora</i>	Ana Zarco Câmara
<i>O mundo no black power de Tayó</i>	Kiusam de Oliveira
<i>Os tesouros de Monifa</i>	Sonia Rosa

Fonte: As autoras (2022).

Alice vê (ROSA, 2013) narra a personagem Alice lançando seu olhar para o mundo, fazendo descobertas e recriando o que vê a sua volta. Em *Amoras* (EMICIDA, 2018), um pai descreve um momento em que sua filha chega a uma conclusão, ao se deparar com a cor das amoras maduras, durante um passeio no pomar. *Bucala* (NUNES, 2019) narra as aventuras da menina Bucala para defender seu quilombo. *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (EMICIDA, 2020) conta a experiência de uma menina, ao se deparar com o medo da escuridão. O medo de escuro também aparece em *Iori descobre o sol, o sol descobre Iori* (FAUSTINO, 2015), em que a personagem tem que lidar com os sons da noite, que lhe causam medo. *Cheirinho de neném* (SANTANA, 2011) descreve a experiência da personagem Iara com a chegada do seu irmão mais novo, Abayomi, marcada pelo perfume que o bebê traz para esse momento. *Meia curta* (FELIX, 2020) apresenta a história de uma menina negra, que conta sobre como as meias curtas salvaram a sua vida de maneira inusitada. *O cabelo de Cora* (CÂMARA, 2013) narra, em versos e rimas, um episódio de racismo vivido pela personagem Cora na escola, por conta do seu cabelo crespo. O mesmo tema aparece no livro *O mundo no black power de Tayó* (OLIVEIRA, 2013). No entanto, a personagem Tayó vive na narrativa uma relação de cuidado e encantamento com seu cabelo, a despeito de um episódio de racismo vivido na escola. Em *Os tesouros de Monifa* (ROSA, 2009), a protagonista ganha, de sua avó Abigail e de sua mãe, um presente: uma caixa com recordações de Monifa, sua tataravó.

Na leitura analítica, optamos por utilizar as categorias narrador e espaço, para analisar o lugar da menina negra nas obras selecionadas. Conforme Arnaldo Franco Júnior (2009), o narrador é uma categoria específica de personagem, com a função de contar a história em um texto narrativo. Essa categoria pode ser classificada segundo a relação entre a pessoa do discurso utilizada para narrar e o grau de participação do narrador na história que narra. Nesta classificação, temos: o narrador na primeira pessoa do discurso (Eu/Nós), ou narrador participante; e o narrador na terceira pessoa do discurso (Ele/Eles), ou narrador observador, que está distante da história narrada. No caso dos livros infantis, interessa-nos saber se as narrativas estão em primeira pessoa, ou seja, se a menina está narrando a história protagonizada por ela ou se existe um narrador externo, que conta a história por ela.

Segundo Beth Brait (1993, p.61), na história narrada pela personagem, em primeira pessoa, a narradora tem a possibilidade de expor sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o vivido, ou seja, quando a menina negra narra um acontecimento, é como se seus pensamentos, sentimentos e perspectivas estivessem mais explícitos no texto. De certa forma, estaríamos diante da fala da menina negra, de seus pensamentos e atitudes e de fatos, sem a interlocução ou o julgamento de um outro dizendo por ela.

Além disso, essa categoria tem relevância na análise apresentada neste artigo, uma vez que as narrativas e as ilustrações dos livros escolhidos nos provocam a refletir sobre o lugar de fala das meninas negras e evidenciam, sobretudo, a importância e a necessidade de livros infantis e juvenis com personagens que busquem a valorização da beleza negra. O Quadro 2 revela o tipo de narrador nas obras por nós analisadas.

Quadro 2 - Menina negra narradora

Título	Menina narradora (narrador personagem)
<i>Alice vê</i>	não
<i>Amoras</i>	não
<i>Bucala</i>	não
<i>Cheirinho de Neném</i>	não
<i>E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas</i>	não
<i>Iori descobre o sol e o sol descobre Iori</i>	não
<i>Meia Curta</i>	sim
<i>O cabelo de Cora</i>	não
<i>O mundo no black power de Tayó</i>	não
<i>Os tesouros de Monifa</i>	sim

Fonte: As autoras (2022).

Das dez obras analisadas, apenas duas, *Meia curta* (FÉLIX, 2020) e *Os tesouros de Monifa* (ROSA, 2009), trazem a menina negra como narradora. No primeiro livro, *Meia curta*, a narrativa se mantém em primeira pessoa: “Esta é a história de como as meias curtas de que eu não gosto nada salvaram minha vida (FÉLIX, 2020, p.4).[...] Depois disso comecei a gostar mais das meias curtas. Agora tenho dois pares só meus” (p.28).

No segundo livro, *Os tesouros de Monifa* (ROSA, 2009) a narrativa também se faz em primeira pessoa, e a narradora é uma menina negra que ganha um presente inusitado no seu décimo aniversário:

Acordei naquele dia com o coração em festa! Era o meu aniversário! Minha mãe e vó Abigail me chamaram num canto e me comunicaram em voz solene que,

sendo filha mais velha, havia sido escolhida para ficar com o 'tesouro' (ROSA, 2009, p.13). [...] E aí eu fechei os olhos bem fechados e fiz uma descoberta: descobri que aquele tesouro não era só da minha família, era de todo o nosso povo, porque minha tataravó africana é um pouquinho avó de todos os brasileiros (ROSA, 2009, p.29).

Nesses dois trechos, é possível identificar, pela própria "voz" das personagens, seus sentimentos, pensamentos e perspectivas. A personagem de *Meia curta* nos conta sobre uma mudança de pensamento em relação a um objeto de que ela não gostava e passou a gostar. Em *Tesouros de Monifa*, é possível ter acesso à alegria da personagem pelo dia do seu aniversário e sua reflexão sobre a importância dos "tesouros" de sua tataravó para além da sua família.

Vanessa Rosa da Costa (2020, p.103), em sua pesquisa sobre meninas negras na literatura infantil, conclui sobre a importância do protagonismo de meninas negras em um contexto histórico no qual, por um longo período, essas personagens foram silenciadas.

As demais obras apresentam um narrador observador, com a narrativa em terceira pessoa, porém em cinco delas está presente "a voz" das meninas, com falas em discurso direto. Ou seja, sua fala se faz presente, apesar de a narrativa ser predominantemente em terceira pessoa. Em *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* (EMICIDA, 2020) e *O cabelo de Cora* (CÂMARA, 2013), embora sem o recurso marcado pela pontuação com dois pontos (:) e o travessão (—), a fala das meninas está presente.

No primeiro livro, é possível verificar quem está "falando" por meio dos pronomes utilizados e pelas cores das palavras nas frases. No início do texto, o que diz a menina que narra sua experiência de enfrentar o medo e o texto estão em vermelho:

Sempre que a escuridão vinha, eu dizia: Papai, deixa uma luzinha! [...] Com uma lanterna, eu me sentia numa caverna, com morcegos a beliscar as pernas [...] A aflição na escuridão era tão dura que calava toda a minha sede de aventura, e num silêncio de doer, que as pedras podem fazer, meus olhos giravam no quarto pra se precaver (EMICIDA, 2020, [s.p.]).

Em *O cabelo de Cora* (CÂMARA, 2013), a fala da personagem Cora está presente em um único trecho, em que ela conta para a tia um episódio de racismo ocorrido na escola. Ali aparecem os pronomes "me", "meu" e a forma verbal "faço", que indicam um discurso direto na primeira pessoa do singular: "Tia, me dá um abraço/Daqueles apertados/Não sei bem o que faço [...] A amiga da escola/Disse com firmeza/Que o meu cabelo é feio/Feio com certeza" (CÂMARA, 2013, p.14).

A outra forma com que as narrativas contemplam as falas das meninas é a utilização do sinal de dois pontos seguido do travessão. Esse recurso, que possui a

função de marcar uma breve pausa no discurso, está presente nas obras *Amoras* (EMICIDA, 2018) e *O mundo no blackpower de Tayó* (OLIVEIRA, 2013). Na primeira, o narrador também é personagem e abre espaço para a fala da menina: “Em um passeio com a pequena no pomar, explico que as pretinhas são o melhor que há (EMICIDA, 2018, [s.p.]). [...] Me olhou nos olhos, muito bem e disse: — ‘Papai, que bom, porque sou pretinha também!’” (EMICIDA, 2018, [s.p.]).

Em *O mundo no black power de Tayó* (OLIVEIRA, 2013), a fala da personagem acontece em dois momentos distintos. No primeiro, a menina Tayó está na companhia de sua mãe e pede para ela enfeitar seu *black power*. No segundo momento, Tayó está na escola, respondendo aos ataques racistas dos colegas.

Seu penteado faz o maior sucesso, porque Tayó costuma escolher enfeites mais divertidos. — Mamãe, hoje quero meu black power repleto de florzinhas. [...] E lá se põe a mãe a procurar florzinhas para enfeitar o penteado da filha. — Mamãe, hoje quero meu black power repleto de borboletinhas. [...] E lá se põe a mãe a procurar borboletinhas para enfeitar o penteado da filha (OLIVEIRA, 2013, p. 18-21).

Iori descobre o sol e o sol descobre Iori (FAUSTINO, 2015) exemplifica a última forma como a “fala” ou a “voz” das meninas está presente: neste caso, a fala da personagem Iori não é bem uma fala, mas expõe um conjunto de pensamentos sobre os barulhos que Iori escuta durante a noite:

A pequena Iori rola, rola na cama, sem conseguir dormir. E o quarto se enche de sombras e barulhos. “É apenas um grilo na grama”, pensa Iori. [...] “Ih! esse é o lobo uivando lá fora!” (Se arrepia toda e enfia a cabeça debaixo do cobertor.). [...] “Será que o pica-pau também perdeu o sono? Ou é o bicho-papão batendo na porta?” (Apavorada, se enrola no tempo que não passa.) (FAUSTINO, 2015, p.13-21).

Como essa é única forma com que a menina se expressa na narrativa, consideramos o pensamento de Iori como fala.

Os trechos apresentados nos permitem observar que a fala das meninas está presente na maioria das obras (sete), seja quando os textos apresentam o discurso direto em primeira pessoa, pois as personagens são narradoras, ou quando suas falas se mesclam com um narrador em terceira pessoa. Nesses livros, as meninas negras são apresentadas positivamente pelo narrador, possibilitando à criança leitora, negra ou não, perceber o tratamento respeitoso para com as meninas negras e o enaltecimento da estética dessas personagens. No caso da presença da fala de meninas negras em primeira pessoa, ocorre um deslocamento do lugar de silenciamento desse tipo de personagens, característico dos processos de racismo, branquitude e adultocentrismo

colocados por Cuti (2010, p. 143), também verificado por Costa (2020) ao longo da história da literatura para crianças.

A outra categoria que consideramos importante para denotar o lugar da menina negra nos livros infantis é o espaço. Muito importante para os textos narrativos, essa categoria compreende o conjunto de referências geográficas e/ou arquitetônicas que identificam o lugar ou os lugares onde a história se desenrola. Além disso, relaciona-se diretamente com os estados psíquicos das personagens (FRANCO JÚNIOR, 2009, p.45). Nas obras infantis em questão, o espaço é o lugar físico onde as meninas vivem suas experiências, relacionam-se com pessoas e afirmam-se por meio de suas vozes.

Identificamos nos livros cinco categorias de espaços: casa, escola, rua, natureza e parque, como revela a Tabela 1.

Tabela 1 – Espaços presentes nas narrativas

Obra	Casa	Escola	Rua	Natureza	Parque
<i>Alice vê</i>	x	-	x	x	x
<i>Amoras</i>	-	-	-	x	-
<i>Bucala</i>	-	-	-	x	-
<i>Cheirinho de neném</i>	x	-	-	-	-
<i>E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas</i>	x	-	-	-	-
<i>Iori descobre o Sol, o Sol descobre Iori</i>	x	-	-	x	-
<i>Meia curta</i>	x	-	x	-	-
<i>O cabelo de Cora</i>	x	x	-	-	-
<i>O mundo no black power de Tayó</i>	x	x	-	x	-
<i>Os tesouros de Monifa</i>	x	-	-	-	-
Total	8	2	2	5	1

Fonte: As autoras (2022)

Apesar de a casa aparecer como um espaço predominante nas narrativas, somente em três delas as personagens ficam restritas a esse espaço durante toda a narrativa. Nos demais livros, as meninas estão na escola, na rua, no parque e em espaços naturais.

Na leitura interpretativa, “[...] procura-se estabelecer a relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos, o que significa conferir um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica” (GIL, 2008, p. 75). No caso dos livros infantis, nossa leitura interpretativa lançou mão dos dados obtidos nas leituras anteriores e nos conceitos mobilizados no início do artigo.

O lugar da menina negra nos livros infantis se relaciona diretamente com a autoria de mulheres negras que colocam essas meninas como protagonistas de narrativas em que elas contam suas histórias, ou essas histórias são contadas por um narrador que considera suas falas no texto. Além disso, essas autoras situam suas personagens meninas em espaços diversos, os quais podem ocupar e neles transitar com liberdade. Nesses lugares, ora as meninas negras vivem “a aspereza do racismo no ambiente escolar e a maciez da negritude envolvendo e lembrando as personagens de que elas são negras e vivem em uma sociedade endurecida pelo racismo” (SILVA, 2022, p. 104), ora apresentam “a suavidade de ser somente uma criança, usando a granulada imaginação para se encontrar com a frieza do medo” (SILVA, 2022, p. 104).

Três escritoras presentes no acervo estudado: Sonia Rosa, Kiusam de Oliveira e Patrícia Santana podem ser incluídas num grupo de mulheres negras, intelectuais, escritoras de livros infantis e infantojuvenis, militantes dos movimentos negros e de movimentos em favor da educação antirracista. Costa (2020) afirma que essas autoras expressam no seu texto uma preocupação com as dificuldades para a criança negra se constituir, por meio da educação e da cultura, enquanto ser humano com direito a uma identidade negra positiva.

Raia (2020) afirma que a escrita dessas mulheres aborda a luta pela representatividade e pela identidade étnico-racial. Nesse envolvimento, as autoras negras que retratam o cotidiano de meninas negras na literatura infantil colocam essa personagem em diversos espaços, com suas experiências, anseios, medos, sonhos e dúvidas. E escrevem sobre e para meninas negras, construindo um lugar antes invisibilizado (RAIA, 2020).

Embora em minoria, os homens também têm sua contribuição na escrita de livros infantis e juvenis que têm meninas negras como protagonistas: Júlio Emílio Braz, Davi Nunes, Oswaldo Faustino, Emicida e Lázaro Ramos constroem meninas negras como personagens. Assim como as escritoras já mencionadas, esses autores também se preocupam com a construção de uma identidade negra positiva para as crianças.

Na obra destes escritores, as personagens femininas assumem um protagonismo que se contrapõe ao que rotineiramente se vê nas páginas de muitos livros infantis e juvenis: suas personagens não são marcadas pela sensualidade, pelo preconceito de gênero ou por estereótipos que caracterizam as mulheres negras e, conseqüentemente, as meninas negras.

Nas páginas desses livros, encontramos meninas de pele negra e de cabelos crespos que são esteticamente belas, representadas como crianças, estudantes,

rainhas, princesas, apresentadas de forma positiva, provocando escritoras(es) brasileiras(os) a repensarem a identidade nacional brasileira do campo da literatura infantil e juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros de literatura infantil e juvenil, por meio de suas narrativas – texto e ilustração – contribuem para que percebamos a existência de uma literatura infantil e juvenil negra que, ao desconstruir o estereótipo das meninas negras, contribui para reconfigurar o campo da literatura infantil e juvenil brasileira.

Na atualidade, muitos são os livros de literatura infantil e juvenil que trazem personagens negras, narrativas sobre a cultura africana e afro-brasileira, utilizados para a implementação de políticas de promoção da igualdade racial na educação. Há, porém, que observar como são representadas as meninas negras nos livros infantis e juvenis e avaliar a qualidade desses livros, uma vez que, mesmo que não unicamente, eles são uma ferramenta pedagógica importante para enfrentar o racismo no espaço escolar em relação a bebês e crianças que frequentam a educação infantil e também as escolas de educação básica. Sendo assim, não é possível apresentar às nossas crianças negras e não negras um material qualquer. Importa também enfatizar que, para a literatura infantil e juvenil negra ser positiva, não basta apenas ela ser escrita por escritoras(es) negras(os), há necessidade de que haja uma agência dos/as personagens negros/as, bem como contextos nos quais as crianças negras estejam afirmadas em sua singularidade. É necessário uma literatura que traga afirmativamente, em suas páginas, a subjetividade negra, para, dessa forma, provocar tensionamento e, assim, reconfigurar o campo da literatura infantil e juvenil brasileira e interferir no mercado editorial de livros destinados às crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. Contos de Perrault, imagens de mulheres. Cadernos **CEDES** [online]. v. 19, n. 45, p. 80-98, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000200006>. Acesso em: 7 maio 2022.

ABRAMOWICZ, Anete; MELLO, Roseli. **Educação: Pesquisa e Práticas**. Campinas: Papyrus, 2000.

ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise e resultados. In: BENTO, Maria

Aparecida Silva (orgs.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2011. p.194-219.

BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1993.

CÂMARA, Ana Zarco. **O cabelo de Cora**. Ilustrações de Taline Schubach. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

COSTA, Vanessa Rosa da. **Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. 129 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/218411> . Acesso em: 20 dez. 2021.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. Campinas: Pontes, 1988.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez; Centro de Ciências da Educação, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix - **Capitalisme et schizophrénie**. Mille Plateaux. Paris: Minuit, 1980.

DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

EMICIDA. **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas**. São Paulo: Companhia das Letrinhas; Laboratório Fantasma, 2020.

FAUSTINO, Oswaldo. **Iori descobre o Sol – o Sol descobre Iori**. Ilustração de Taisa Borges. São Paulo: Melhoramentos, 2015.

FÉLIX, Andreza. **Meia curta**. Ilustração de Santiago Régis. Belo Horizonte: Mazza, 2020.

FOUCAULT, Michel. El orden del discurso. **Cuadernos Marginales**, Barcelona, 1970.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências**, v. 3, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/54247763/143201616-Operadores-de-Leitura-Da-Narrativa.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LUIZ, Maria Fernanda. **Entre prosas e livros**: A literatura infantil-negro brasileira interroga, tensiona e expande o campo da literatura infantil brasileira. 2022. 206f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2022.
- NUNES, Davi. **Bucala**: a pequena princesa do quilombo do Cabula. Ilustrações de Daniel Santana. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- OLIVEIRA, Kiussam. **O mundo no black power de Tayó**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- PERROT, Michelle; DUBY, Georges (org.). História das mulheres no Ocidente. v. 1, 2, 3, 4 e 5. Porto: Afrontamento; Ebradil, 1990/1991.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 25. (Organização Joel Rufino dos Santos), 1997.
- RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- RAIA, Ana Lúcia da Silva. **As meninas negras na literatura infantil sob a perspectiva de olhares plurais**: o que dizem esses olhares?. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 159. 2020. Disponível em: <http://www.ppgeb.cap.uerj.br/wp-content/uploads/2021/02/Ana-Lucia-Raia-Dissertacao-Ana-2021-REVISAO-CONCLUIDA.pdf> Acesso em: 21 dez. 2021.
- ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa**. Ilustração de Rosinha. São Paulo: Brinquê-book, 2009.
- ROSA, Sonia. **Alice vê**. Ilustração de Luna. São Paulo: DCL, 2013.
- SANTANA, Patrícia. **Cheirinho de neném**. Ilustração de Thiago Amormino. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- SILVA, Ayodele Floriano. 2022. 137f. **Personagens negras infantis**: retalhos de histórias. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2022.
- SOUZA, Floretina da Silva. **Afro-descendência em cadernos negros e jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NEGRA: O LUGAR DA MENINA NEGRA

Black Children's Literature: The Place Of The Black Girl

Ayodele Floriano Silva

Mestre em Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, Brasil
ayodelenina@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2012-2801>

Maria Fernanda Luiz

Mestre em Educação
Vice-diretora Educacional
Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura municipal de Campinas
Campinas, Brasil
mfernanda.neab@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3785-7895>

Anete Abramowicz

Doutora em Educação
Faculdade de Educação
Professora da Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil
aneteabramo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4714-3602>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Theodolina Modena Coca, 85, CEP 13569-055, São Carlos, SP, Brasil

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. F. Silva, M. F. Luiz, A. Abramowicz

Coleta de dados: A. F. Silva, M. F. Luiz, A. Abramowicz

Análise de dados: A. F. Silva, M. F. Luiz, A. Abramowicz

Discussão dos resultados: A. F. Silva, M. F. Luiz, A. Abramowicz

Revisão e aprovação: A. F. Silva, M. F. Luiz, A. Abramowicz

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 08-05-2022 – Aprovado em: 13-10-2022